



A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NA CONTEMPORANEIDADE: Desconstrução de Estereótipo e Práticas Multiculturais No Ensino de Arte

Poliana dos Santos Silva¹

(Universidade Federal do Agreste de Pernambuco-UFPE)

(polianasantos39@hotmail.com)

Ana Paula Dos Santos Silva²

(Universidade Federal do Agreste de Pernambuco-UFPE)

(anapaulasantosilva2020@gmail.com)

Carmem da Silva Moura³

(Universidade Federal do Agreste de Pernambuco- UFPE)

(carmemmouraaa2020@gmail.com)

1 INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta uma discussão acerca da representação dos povos indígenas na contemporaneidade, tendo em vista a invisibilidade do ser e estar no mundo, frente ao processo colonizador dos corpos e mentes que marginalizaram a cultura, a memória e a história das comunidades indígenas. Nessa concepção, a presente pesquisa visa estabelecer um diálogo com perspectiva da pluralidade de modos e estilos de vida, na medida que nos colocamos na posição de rompimento da noção de história única, com o intuito de se aproximar de uma proposta multicultural dialógica na tentativa de desconstruir os estigmas que põe o ser indígena enquanto inferior os aparatos culturais do etnocentrismo.

Nossa pesquisa surgiu como requisito ao cursar a disciplina de Fundamentos e Metodologias no Ensino de Arte II (FMEA-II), do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFPE), ministrada pelo professor e orientador deste trabalho Luiz César Barbosa da Silva¹. Para tanto, pensando na necessidade de desconstruir os estereótipos acerca do ser indígena na contemporaneidade, foi desenvolvida uma sequência didática sobre Arte indígena. Para tanto, antes de colocar em prática a sequência didática sobre a Arte indígena, vivenciamos momentos de teoria e prática. No primeiro momento destinou-se a participação em uma palestra mediada por uma estudante indígena

com foco nos saberes indígenas da etnia Kambiwá como metodologia para o ensino de arte. Para o segundo, realiza-se um estudo de autores indígenas, enquanto resistência, produção cultural e de conhecimentos indígenas. Quanto ao terceiro, vivencia-se uma imersão no contexto cultural e social da aldeia indígena Fulni-ô, em Águas Belas-PE, com mediação de uma estudante da universidade pertencente a essa etnia. Tais experiências possibilitaram a compreensão da cultura e história da etnia Fulni-ô, bem como os comportamentos, as formas de organização social e educacional.

O estudo teve como objetivo geral problematizar a representação dos povos indígenas na atualidade em uma turma do 5º ano no município de São João-PE. Para alcançar o objetivo buscamos especificamente: a) Identificar a representação dos povos indígenas a partir da cultura do povo Fulni-ô de Águas Belas-PE; b) Desconstruir a ideia do ser “índio” na atualidade a partir da releitura de crônicas indígenas; c) Promover uma Mostra de Arte com as releituras a partir de crônicas indígenas produzidas por alunos(as) do 5º ano.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma pesquisa de campo do tipo pesquisa ação, que de acordo com Dione (2007), envolve um processo de ação, tendo em vista a aplicação de uma intervenção para modificar uma dada situação. Desta forma, a sequência didática foi pensada mediante uma problemática identificada a partir de uma ação diagnóstica na turma 5º ano “C” de uma escola municipal da cidade de São João-PE. Esta prática implicou a necessidade de discutir a representação dos povos indígenas na contemporaneidade.

No que se refere a turma, esta é composta por 22 estudantes, sendo estes os autores das releituras elaboradas a partir da escuta das crônicas “O sumiço da noite” e “O onça” de Daniel Munduruku.

Ademais, a sequência didática foi dividida em duas etapas, a saber: observação e diagnóstico para o conhecimento da turma; seguido da execução da sequência, a qual foi dividida em três dias. O primeiro momento foi destinado à observação e diagnóstico da problemática. No que se refere ao segundo dia, este foi

dividido em 4 momentos, sendo o primeiro a roda de conversa retomando o momento do diagnóstico, seguido da leitura do conto “*É índio ou não é índio?*” de Daniel Munduruku, o segundo momento foca no conhecimento dos territórios indígenas do Brasil, e mais especificamente com finalidade em identificar a representação dos povos indígenas a partir da cultura do povo Fulni-ô, de Águas Belas-PE, a partir de imagens impressas.

No que se refere ao terceiro momento, este destina-se a conhecer duas crônicas indígenas de Daniel Munduruku. Para o quarto momento centra-se na produção de releituras das crônicas, de modo a desconstruir a ideia do ser “índio” na atualidade a partir da releitura de crônicas indígenas. O terceiro dia contou com a produção da autobiografia dos estudantes e a materialização da I Mostra de Arte indígena do 5º ano “C”, com exposição e socialização das produções e experiências construídas pelos estudantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro contato com os estudantes resumiu-se ao diagnóstico inicial para adquirir os conhecimentos prévios dos estudantes para compreender o que eles conheciam sobre os povos indígenas. Este momento constituiu-se em um fator primordial para apreensão das concepções que tinham sobre os povos indígenas, sendo estas representadas no desenho livre.

Pudemos observar que os estudantes, de certo modo, tinham uma ideia enraizada de que “índio” mora na floresta, na mata, em uma oca, usa flecha e que não tem vestimentas simples ou os relacionavam a lendas locais. Informações reafirmadas em seus desenhos de representação do ser indígena no mundo. No momento de escuta dos estudantes, compreendemos que os mesmos apresentavam visões de que os indígenas estão imersos na complexidade da sociedade contemporânea, no entanto, a maioria dos desenhos demonstra visões estigmatizadas apesar de apontarem estilos de vida de indígenas na pós-modernidade que se distanciam da vida simples nas matas e florestas.

Desta forma, torna-se importante entender o processo de marginalização e invisibilidade das culturas indígenas enquanto parte constituinte da história da

humanidade. Nesse sentido, a Educação Básica é um mecanismo que deve oportunizar aos alunos o conhecimento acerca da cultura dos povos indígenas, como é respaldado a luz da Constituição Federal em seu artigo 231º, que assegura o direito à cultura, história e memória dessas comunidades, como explicita a seguinte redação:

“São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” (Brasil, CF, 1998).

Nessa perspectiva, de acordo com Oliveira (1998), no que se se refere ao entendimento e construção da etnologia dos indígenas do nordeste, estes eram considerados para os etnólogos uma etnologia menor, tendo em vista a tentativa violenta do processo de aculturação das etnias indígenas nordestinas, que implicou em perdas e de ausências culturais. Esse fator contribuiu para que os povos indígenas do nordeste se misturassem social e culturalmente com os não indígenas, resultando em uma dinâmica de apagamento cultural e histórico.

Por outro lado, no segundo momento do segundo dia, da sequência didática, conhecemos juntos o mapa do território brasileiro, solicitando aos estudantes que indicassem as localizações dos povos indígenas no mapa. Neste momento aponta-se uma variedade de estados. O que demonstrou que os educandos possuem conhecimento sobre a ocupação dos povos indígenas no território, mas também refletimos sobre a distribuição dos indígenas em todo o território brasileiro.

Em seguida, conhecemos as territorializações dos povos indígenas via terras demarcadas e não demarcadas em todo o mapa do território brasileiro, discutindo a importância do direito à terra e que hoje em dia ainda há indígenas que não são reconhecidos e não possuem terras delimitadas. E eles apontaram que ainda hoje muitas etnias lutam por suas terras, pelos seus direitos enquanto povos indígenas. Em seguida foram distribuídas imagens da comunidade do povo Fulni-ô, no qual tratamos do direito do indígena à educação, apresentando a escola indígena “Marechal Rondon”, além de mostrar a aldeia, falar do ritual do Ouricuri e do grafismo indígena. Assim os estudantes montaram cartazes e socializaram o que haviam aprendido até o momento.

A aula de campo na etnia Fulni-ô, oportunizou uma imersão significativa em

uma cultura rica e ancestral, possibilitando-nos a explorar óticas que vão além dos que os livros de história ou geografia podem transmitir, compartilhando nossas vivências com os estudantes. Fator que ajudou a desconstrução de que os povos indígenas do nordeste possuem costumes e tradições diversas, visto a tentativa violenta de apagamento da presença dos indígenas, que muitas vezes se deve por falta de invisibilidade e inferiorização de suas narrativas (Oliveira, 1998).

No que se refere ao terceiro momento, este destinou-se a conhecer duas crônicas indígenas de Daniel Munduruku, sendo esses “*O onça*” e o “*O sumiço da noite*”, concomitantemente se conhece a obra e o autor da mesma. Em seguida, realizamos produção de releituras das crônicas. Nesse sentido é importante frisar que para Pegoraro e Hoffman (2013), o processo de releitura vai além da cópia e reprodução. Assim, as releituras resultaram na desconstrução da ideia do ser “índio” preservada nos desenhos iniciais, podendo indicar uma mudança de perspectiva sobre os povos indígenas.

Desta forma, entende-se que o processo do ensino de Arte deve-se partir de uma perspectiva da Arte-Educação, proposta por Barbosa (1990), a qual parte de etapas essenciais, mas não segregadas, sendo a leitura da obra, reflexão e criação envolvendo conhecimentos já construídos e os ressignificados.

Para o terceiro dia concretiza-se a I Mostra de Arte Indígena para duas turmas do 5º ano “C”, visando compartilhar as obras e experiências construídas pelos estudantes. Isso possibilitou um espaço de fala e escuta dos estudantes, como também de socialização dos seus conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que tal prática pode promover e valorizar as crianças enquanto sujeitos ativos, promovendo a autonomia dos estudantes em seu próprio aprendizado, cria-se um ambiente rico no processo da construção do conhecimento possibilitando uma postura crítica e reflexiva, atribuindo a elas o protagonismo de sua história e de iniciativa da necessidade de compartilhamento de conhecimento de outras histórias.

De outro modo, a vivência da sequência proporcionou uma experiência significativa tanto para as professoras em formação quanto para os estudantes,

instigando a promoção de práticas multiculturais e inovadoras permeadas tanto pela dimensão cultural como social.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Art. 231. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 10 de setembro de 2024.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, v. 4, p. 47-77, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100003>. Acesso em 10 de agosto de 2024

PEGORARO, Carla Roberta. HOFFMAN, Dayane. A releitura no Ensino de Arte. In: Jornada científica da UNIVEL, 11., 2013, Paraná. **Anais [...]** Paraná: União Editorial de Cascavel, 2013. p. 53-58. Disponível em: https://www.univel.br/sites/default/files/conteudo-relacionado/a_releitura_no_ensino_de_arte.pdf. Acesso em: 30 março de 2024.